

CORPO FLUIDO: ENTRE NARRATIVAS, PAISAGENS E QUESTÕES DE GÊNERO.

Eixo Temático Eixo Temático 15 – FORMAS DE VIVER E DESEJAR NA
ARTE E NA GEOGRAFIA: PERSPECTIVAS PARA PENSAR CORPO,
GÊNERO E SEXUALIDADE

Leila Alberti ¹

RESUMO

Durante o processo de criação da obra *Descanso entre desejos e saudades é água leve em um sonho*, o elemento água surgiu com frequência, revelando às artistas visuais Giovana Casagrande e Leila Alberti, significados e simbologias nas memórias pessoais, que se entrelaçam com o bordado desde a infância. Percebemos que o contato com este elemento aguçava nossos sentidos e percepções corpóreas e tecemos em fios e texturas o imaginário da obra para a exposição o Corpo Na Linha de Borda. Nossa intenção é mostrar a beleza e a força do corpo femininos interagindo com a natureza em variadas geografias e águas imaginárias, em diversos estados, em torno de um vazio central. É a celebração de nossa identidade em meio a um mundo individualista, competitivo e ainda opressor com as mulheres.

Palavras-chave: memórias, corpo feminino, bordados.

Introdução

Este texto faz parte de um movimento de interesse em introduzir o crochê e o bordado na produção de arte, um projeto em parceria com a artista Giovana Casagrande. Uma parceria que já ultrapassou uma década de produção, exposições e o lançamento de um livro: Bordaduras – Processo Construtivo da Exposição Coisas de Alice. A escolha pelos fios está atrelada a presença constante dessas linguagens manuais em suas infâncias.

¹ Artista visual. Graduada em Pintura EMBAP e Pós-graduada em Poéticas Contemporâneas no Ensino da Arte da Universidade Tuiuti do Paraná - PR, leilaalberti@hotmail.com;

Reconstruir memórias e, em especial, as memórias de meninas observando mulheres produzindo peças biográficas no cotidiano doméstico, e compreender a importância das relações afetivas entre pessoas, por meio do fazer crochê e o bordado, e seus reflexos positivos para a memória coletiva. A memória configurou-se num tema constante em nossa produção e do projeto O Corpo na Linha de Borda, realizado durante o período pandêmico de 2020/21, o que amplificou as questões de centralidade e fragilidade do corpo diante de um perigo constante de contágio e de muitas perdas, e fez com que este projeto processual expositivo tivesse campos alargados de pesquisa para o grupo de artistas envolvidos. Giovana Casagrande e eu decidimos apresentar o processo de criação da cama com um colchão de bordados e colocada sobre as porcelanas encapsuladas pelo crochê, acomodada entre outras 11 obras, seguindo uma curadoria expográfica adequada à organização de leitura visual e conceitual, amparada no corpo da casa: janelas, portas, sala e ambientes íntimos – quartos. A exposição aconteceu de dezembro de 2021 a fevereiro de 2022, no Museu Municipal de Curitiba. Neste texto o fio condutor percorre pelas discussões do imaginário das águas, amparadas na pesquisa teórico artística em Bachelard e Canton assim como a geografia que vai desenhando no percurso do céu, passando pelo corpo, ali o suporte em Guattari e Louro, até encontrar a corredeira no solo, citando Guimarães e Cattani.

Os corpos femininos e a água

Lembro que quando encontramos, Giovana e eu, esta cama antiga numa loja de móveis usados no centro histórico, chovia em Curitiba. Um sentimento de encanto nos arrebatou e em menos de 30 minutos já tínhamos definido a existência dela em nossas práticas de criação. A água já nos acompanhava desde o primeiro encontro, integrando o que viria a se transformar em narrativa de bordados. Os corpos femininos interagindo com a natureza em variadas geografias e as águas imaginárias, em diversos estados, transitando em torno de um vazio central.



Figura 1 - Instalação *Descanso entre desejos e saudades é água leve em um sonho*, 2020/2021.

Fonte: Acervo pessoal de Leila Alberti, 2021.

Na história da humanidade, as águas imaginárias transbordam significações e simbologias no universo cultural e surgem como símbolo de contradições. A existência e manutenção do corpo, seus movimentos e seu aprendizado erótico. Isto é, de que forma a água perpassou as transformações da relação dos indivíduos com o seu corpo? A relação entre água e Eros é percebida como elemento importante do aprendizado erótico do corpo, tendo em vista as sensações corpóreas, a natureza e a utilização da cama no cotidiano. Sendo assim, o contato com esse objeto é uma das possibilidades de se desfrutar a intensidade dos sentidos? A proximidade com a água possibilita a transgressão? O bordado é também um modo de transgredir?

Para nós o bordado é uma forma de cartografar, de registrar as marcas instauradas no corpo. Fomos percebendo o bordar como ato performático em nossos

cotidianos, reconhecendo sua potência em materializar histórias de vida e imaginação; de vivê-los – como também considerando as consequências provocados pelo ato de bordar. A interferência do bordado sobre esse território faz parte de um processo de ressignificação, o feminino e seu lugar de pertencer, onde a linha e a agulha entram desenhando afetos, marcando os processos que o corpo passa.

“[...] as nossas experiências diárias produzem geografias de ações e organizam nossa caminhada, o cotidiano é um lugar praticado. O cotidiano contribui para a configuração de espaços, de lugares e paisagens. Espaços e paisagens que se configuram a partir da interação entre objeto, sujeito e lugar. Na fusão e interpenetração do espaço interior-exterior.” (GUIMARÃES, 2017, p. 6).

Ao iniciarmos o projeto Bordaduras, queríamos explorar essa forma de utilizar o bordado, como cartografia. Percebemos o bordar como ato de força coletiva, ancestral, e também parte essencial da realidade cotidiana. A interferência do bordado sobre esse território faz parte de um processo de ressignificação, de retomada desse lugar em que nos sintamos participativas, onde o bordado nos remete ao acolhimento e afeto. Aceitamos e compreendemos melhor nossos corpos marcados no material têxtil. Na narrativa que se observa sobre a cama, há um grande paradoxo ao acompanhá-la de perto: quanto mais se olha para dentro da cama, para os bordados, mais encontramos algo de reconfortante e acolhedor em memórias. Se o corpo trás significados de superfície, dentro e de fora, se ele é essencialmente paradoxal, é também um corpo profundo, pleno de imaginação *non-sense*, com um avesso que prolonga o direito – e vice-versa – fazendo com que todo o devir e seus sentidos conflitantes subam até a superfície palpável. Como artistas registramos nossas vivências e sentimentos, utilizando-nos de elementos que aludem ao universo “feminino”, como o bordado, crochê e porcelanas. No entanto, esta ideia de delicadeza e de “feminilidade”, de águas calmas circundantes, é confrontada pela fenda no centro da cama e a sustentação dela feita por frágeis porcelanas no solo, o que interfere na relação de sentidos transmitidos.‘



Figura 2 - A cama sobre as frágeis porcelanas. Detalhe exposição MUMA, Curitiba/PR, 2021/22.

Fonte: Acervo pessoal de Leila Alberti, 2021.

As águas imaginárias são tema de Bachelard (1998), em *A Água e os Sonhos*, ensaio de estética literária, em que a maioria dos exemplos são tirados da poesia e da mitologia, objetivando determinar a substância das imagens poéticas. Para tanto o autor evoca imagens superficiais do elemento água dedicando-se às águas claras, às águas brilhantes que fornecem imagens fugidias e fáceis. Evoca também características profundas da água imaginária - as águas dormentes, as águas mortas, as águas pesadas no devaneio de Edgar Allan Poe:

“Toda água primitivamente clara é para Edgar Allan Poe uma água que deve escurecer, uma água que vai absorver o negro sentimento [...]. Lendo Poe, compreendemos mais intimamente a estranha vida das águas mortas, e a linguagem ensina a mais terrível das sintaxes, a sintaxe das coisas que morrem, a vida que morre.” (BACHELARD, 1998, p. 49).



Figuras 3 e 4 - Detalhes dos bordados dos corpos femininos, paisagens e águas.

Fonte: Acervo pessoal de Leila Alberti, 2021.

A valorização feminina, sensual e maternal da água foi cantada pelos poetas românticos alemães. É a água do lago, noturna, leitosa e lunar onde a libido desperta:

“E as nossas sensações, agradáveis ou não, não são mais, afinal, que as diversas maneiras de escoar em nós dessa água original que existe em nosso ser. O próprio sono não passa do fluxo desse mar invisível, universal, e o despertar é o começo do seu refluxo.” (NORVALIS, *apud* CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. 21).

Nas tradições judaica e cristã, a água simboliza, primeiramente, a origem da criação: fonte de todas as coisas. Ela é mãe e matriz; é útero. Mas, tanto como fonte de vida, é também fonte de morte. Os poços, as fontes, os rios são agentes de fertilização de origem divina, trazendo consigo a fecundidade e manifestando a benevolência. O simbolismo do rio é, também, o da fertilidade, da morte e da renovação. A água acompanha o ciclo de vida do corpo.

Os corpos no espaço da cama estabelecem um desejo por permanência. Um espaço de repouso e ao qual é dedicada boa parte do tempo em vida. O colchão coberto com pequenas cenas do cotidiano, de mulheres imersas na natureza e entregues aos ciclos do

tempo. Um ciclo como o da água; como escrito por Goethe: “A alma humana é como a água: ela vem do Céu e volta para o Céu, e depois retorna à Terra, num eterno ir e vir.”



Figuras 5 e 6 - Detalhes dos bordados, frente e verso.

Fonte: Acervo pessoal de Leila Alberti, 2021.

“A viagem transforma o corpo, o "caráter", a identidade, o modo de ser e de estar. Suas transformações vão além das alterações na superfície da pele, do envelhecimento, da aquisição de novas formas de ver o mundo, as pessoas e as coisas. As mudanças da viagem podem afetar corpos e identidades em dimensões aparentemente definidas e decididas desde o nascimento (ou até mesmo antes dele).” (LOURO, 2004, p. 15).

Descanso entre desejos e saudades é água leve em um sonho.

Existe uma memória individual que é aquela guardada por um indivíduo e se refere às suas próprias vivências e experiências, mas que possuem também aspectos da memória de seu grupo social, isto é, onde esse indivíduo foi socializado. E, assim, ele constrói sua história com elementos espirituais e materiais. Nos seus objetos estão os seus saberes e fazeres manuais oriundos do contexto familiar, podendo resgatar da memória e, conseqüentemente, de sua própria condição humana. O bordado na cama, para nós, é uma

extensão de nossos corpos e seus territórios de ação e repouso, percepções e emoções; nossa identidade e memórias. Ali estão milhares de pontos tal qual os segundos em um dia inteiro de vida. Nossa vida, assim como de nossas mães e avós, e quantas outras que nos antecederam e também bordaram seus desejos e saudades em tecidos, onde ninavam seus filhos, deitavam-se com seus amores e secavam seus corpos depois de banhar-se em águas calmas.

Na decisão da narrativa a ser bordada no colchão, as artistas lançam mão de sua intimidade, de suas histórias e biografias, como referência estética ou conceitual para as suas produções artísticas, na tentativa de resgatar e compreender, muitas vezes, suas identidades.

Canton (2001) argumenta que “a memória, física e psíquica, garantia maior de nossa condição humana, torna-se também uma das principais molduras da criação artística contemporânea” (CANTON, 2001, p.43) e uma abrangência de discursos sobre a fragilidade e estranhezas do corpo, a identidade, a abordagem frequente das tênues fronteiras entre os espaços públicos e privados, o contexto urbano, a diversidade cultural, de gênero, o uso de ferramentas tecnológicas e digitais em nossas vidas. Com a apresentação destas questões, a cama compartilhou espaço de significados na exposição O Corpo Na Linha de Borda no Museu Municipal em Curitiba. Na sala expositiva, Giovana e Leila colocaram este objeto íntimo “cama” sobre as porcelanas frágeis – utilizadas desde o início de sua parceria – onde, durante anos, bordaram aspectos femininos nelas, como que aprisionando ali seus conceitos. Na cama o bordado vai à superfície e escancara, nos corpos femininos nus, toda a fragilidade e incertas perspectivas que se apresentam ao olhar do público. A água, esse elemento movente e instável, em passagem simbólica para a imaginação individual no bordado, se concretiza nos territórios de paisagens de lugares dos percursos das artistas. As paisagens são transformadas em caminhos, em vias para as idas e vindas, em lugares de mulheres. Junto aos corpos os fios desenham a vegetação e as águas reais de rio, lagoa e mar, e no etéreo as águas se estabelecem no imaginário individual e coletivo.

“Certas formas poéticas se nutrem de uma dupla matéria; que um duplo materialismo trabalha frequentemente a imaginação material. Em certos devaneios, parece que todo elemento busca um casamento ou um combate, aventuras que o apaziguem ou o excitem. Em outros devaneios, a água

imaginária nos aparecerá como elemento das transações, como o esquema fundamental das misturas”. (BACHELARD, 1985, p. 14).



Figura 7 - Bordados e porcelanas encapsuladas pelo crochê.

Fonte: Acervo pessoal de Leila Alberti, 2021.

Considerações finais

Quando unimos arte e manualidades têxteis criamos uma parceria de vivências mais intensas, mais presentes nas discussões fronteiriças. Ao mesmo tempo em que a memória é pensamento vivo, sua força de coesão e existência se deve pelo ato de evocação na arte e permanência no contexto de um grupo, demonstrando sua importância em estar na sociedade. Na obra *Descanso entre desejos e saudades é água leve em um sonho*, Giovana Casagrande e Leila Alberti buscaram nas memórias de família, em especial das mulheres, estabeleceram conversas e anotações em caderno de processo e perceberam a presença da água em relatos de vida, sonhos e esboços. A introspecção do período pandêmico e um tempo maior de envolvimento com o processo em coletivo fez as percepções sobre o corpo serem mais facilmente evocadas. Nesse percurso, tivemos, como algumas das questões, que investigar e refletir as relações afetivas da materialidade

têxtil e as inter-relações do corpo com o espaço; nossas fronteiras relacionais. E, experimentar: Esta é uma ótima palavra para definir o projeto O Corpo na Linha de Borda, no qual somos mulheres artistas coordenadoras e resistentes na intenção de percorrer novos caminhos na criação, valorizando antigas linguagens têxteis.

Os muitos encontros virtuais nos proporcionaram um maior interesse em lembrá-las, e conferimos sentidos e importância às mesmas. Ou seja, quando algo vivido realmente nos afeta, isso nos estimula à lembrança, mediadas pelas sensações e marcas proporcionadas ao que se recorda. Isso potencializou a comunicação das artistas com o público e proporcionou desdobramentos, como a apresentação do caderno/catálogo digital da exposição O Corpo na Linha de Borda e a proposta de itinerância dela para outros estados, assim como a chegada de um convite para uma residência artística, do grupo de artistas, no Museu Bispo do Rosário no Rio de Janeiro.



Figura 8 - Vista parcial da exposição O Corpo na Linha de Borda, com a instalação de Giovana Casagrande e Leila Alberti no centro. Museu Municipal de Arte de Curitiba – PR, 2021/2022.

Fonte: Acervo pessoal de Leila Alberti, 2021.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. A Água e os Sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CANTON, Katia. Novíssima arte brasileira. São Paulo: Iluminuras, 2001.

CATTANI, Icléia Borsa (Org.). Mestiçagens na arte contemporânea. Porto Alegre, RS: Ed. UFRGS, 2007.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Cartografias do Desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUIMARÃES, Mariana. O fio como paisagem na mediação casa, corpo e obra. In: Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas, ANPAP, 26., 2017, Campinas. Artigo. Campinas: [s.i.], 2017. v. 1, pp. 1 – 11.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ALBERTI, Leila. Caderno digital da exposição O Corpo na Linha de Borda. Disponível em:

https://issuu.com/home/published/o_corpo_na_linha_de_borda_2022_caderno_digital_1

—